

### Por uma educação pelo dínamo

Correia, Wilson

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

#### Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Correia, W. (2008). Por uma educação pelo dínamo. *ETD - Educação Temática Digital*, 9(2), 93-101. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-72280>

#### Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

#### Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:

<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

**POR UMA EDUCAÇÃO PELO DÍNAMO****Wilson Correia****RESUMO**

A idéia de uma educação perene só se justificaria se algo no humano também fosse perene. Mas o humano é inconcluso e finito. É concebido na dinamicidade da vida e vive o vir-a-ser. É, por excelência, um ser de transformação. Muda constantemente. Em face disso, esse artigo debate as temáticas: “uno *versus* diverso” e “estático *versus* mutabilidade”. Nesse debate, chega à dialética e a ela associa a idéia de dínamo como metáfora de uma educação pela mudança e transformação. Argumenta que se viver é sofrer transformações ininterruptas, uma educação pelo dínamo é a que melhor pode enfrentá-la.

**PALAVRAS-CHAVE**

Educação; Mudança; Dinamicidade

**FOR AN EDUCATION FOR THE DYNAMO****ABSTRACT**

*The idea of a perennial education would only be justified if something in the human being also was perennial. But the human being is incomplete and finite. It is conceived in the changes of the life and lives come-the-to be. It is, par excellence, a transformation being. Dumb constantly. Face of this, this article has debated the thematic: “joins versus diverse” and “static versus changeability”. In this debate, she arrives at the dialectic and it associates the dynamo idea as metaphor of an education for the change and transformation. It argues that to live it is to suffer uninterrupted transformations, an education for the dynamo is the one that better can to face it.*

**KEYWORDS**

*Education; Change; Transformation*

**INTRODUÇÃO**

É possível falar de uma educação perene? Há algo no humano que seja eterno? Se há algo no ser humano que seja imortal, isso ainda está por ser compreendido. Em realidade, o que temos é o humano concreto, em suas dimensões bio-psíquica e sócio-histórica.

O homem e a mulher aqui, concretos. Talvez seja com esses seres que vale a pena se ocupar, sobretudo quando se fala de educação, de processos de ensino e aprendizagem. Assim, se considerarmos que a vida concreta é feita “na” e “pela” mudança, então faz sentido em falarmos em uma educação pela dinamicidade.

Motivado por essa idéia, este artigo debate a temática enunciada e argumenta a favor de uma educação que conceba o humano, ser educável, como inconcluso e em contínuo processo de transformação. Se assim é, propõe-se por meio do artigo, que nos atenhamos a uma educação que faça frente a essa dialeticidade da existência.

Este trabalho está estruturado em dois momentos principais: o imediatamente a seguir, que trata de aspectos históricos e teóricos ligados à concepção dialética da vida, e um outro, na sequência, que empreende uma reflexão sobre uma educação fundada no processo dinâmico de desenvolvimento humano. Por fim, uma breve conclusão e as referências bibliográficas utilizadas neste trabalho aparecem para fechar o debate.

**A DIALÉTICA: ASPECTOS TEÓRICOS E HISTÓRICOS**

O debate sobre o uno e o diverso nasceu entre os gregos antigos. Adeptos do uno identificavam-no com o estático, imóvel, único, fixo e imutável. Os que se alinhavam à posição do diverso, caracterizavam-no como fluido, dinâmico, múltiplo, em movimento, mutável. Tornou-se uma temática que ocupou a atenção de pensadores do século IV a.C., os quais tentaram compreender a origem material do existente. Tales disse que tudo veio da água. Anaximandro dizia que o ilimitado é que é a origem de tudo. Anaxímenes entendeu que o ar é a fonte do existente. Estava estabelecido o debate sobre o problema da mudança e do permanente (BORNHEIM, 1970).

O problema que presidia o debate em torno do assunto consistia na percepção das mudanças das coisas e seres sem que eles deixassem de ser o que eram. Heráclito entendia que tudo flui, razão pela qual apenas o movimento é que permanece sempre idêntico a si

mesmo. Parmênides, ao contrário, afirmava que o que é não pode deixar de ser, alimentando uma discussão na qual Platão também se envolveu. Discípulo de Sócrates, Platão entra em cena quando o problema da origem material do existente já cedia lugar ao debate sobre o homem, sobre a ética. A preocupação cosmológica encontrava-se em processo de superação pela centralidade no problema antropológico (DURANT, 1996).

Não é sem motivo que mesmo tendo ficado para trás, a preocupação cosmológica também é assumida por Platão para explicar o ser humano. Segundo o pensamento platônico, existem os mundos sensível e inteligível, assim como o ser humano é feito de corpo e alma. No mundo sensível está a mudança. No mundo inteligível encontra-se o imutável. No primeiro reinam a ilusão e o engano. No segundo imperam o indestrutível e verdadeiro. Fazer com que a alma se liberte do corpo imperfeito e alcance o mundo das verdades eternas constitui, para Platão, na finalidade precípua da educação e da filosofia. Cumprida, pois, empreender o trabalho de libertação da alma, prisioneira do corpo no mundo sensível imperfeito, para que ela alcançasse a liberdade que lhe é própria no mundo perfeitíssimo das coisas justas, boas, virtuosas e eternas do mundo inteligível (PLATÃO, 2000).

Após uma vasta contribuição à filosofia, além de sua concepção cosmo-antropológica, Platão entrou para a história da filosofia, em meio à grande história da humanidade, que prosseguiu Idade Média, Renascimento e Modernidade afora. E foi em meio aos modernos que a dialética se estabeleceu como método e forma de pensar o real, a vida, o humano e até a educação. Assim, a dialética se tornou algo bem mais amplo do que a arte do diálogo então praticada pelos gregos, inclusive por Platão. Mais que dialogar, a dialética moderna propõe o desafio de se pensar o real e suas contradições e em permanente transformação, tal como Heráclito havia proposto ainda na época dos primeiros filósofos (KONDER, 1987).

Hegel, por exemplo, é um autor moderno que entende a dialética como inerente ao espírito, relativa ao fato de o pensamento pensar a si próprio e às próprias experiências, seus limites e suas potencialidades, uma vez que, no entendimento hegeliano, a história humana é a história do desenvolvimento pensamento, extraíndo, assim, o que de melhor ele poderia encontrar em Platão (HEGEL, 2002) e motivando um fecundo debate com Hegel que Marx e Engels debateram. Em vez de privilegiar o pensamento no processo de entendimento da realidade, Marx e Engels entendia ser necessário partir do concreto para compreender o pensamento. É nessa perspectiva que se pode compreender a afirmação das coisas, a negação delas e a reafirmação de cada uma sem que elas se destruam completamente. Assim, a história

da humanidade, ao constituir-se com base na luta de classes, vê os modos de produção material da vida sendo alterados, mas sob a ação dos homens e das mulheres que protagonizam essa história (MARX, 1978; MARX; ENGELS, 1993).

Um estudioso que se valeu da dialética de Marx e Engels para pensar a educação Vygotsky, para quem o desenvolvimento humano não é apenas biocongnitivo, mas bio-psíquico e sócio-cultural. Para ele não há desenvolvimento humano sem apropriação cultural. E a criança faz essa apropriação à medida que se insere em processos de convivialidade junto aos adultos, os quais mediatiza-lhes a produção e a apropriação culturais. Desse modo, a educação é a relação adulto-criança. Ademais, o cultural, social e histórico não são externos à criança, que é um ser social só pode ser educada no meio social. Aí a dinamicidade das interações entre indivíduos adultos e infantis. Assim, educação não é educação da alma, como queria Platão, nem do pensamento que pensa a si mesmo, como propôs Hegel, mas é o processo mesmo de desenvolvimento humano material, concreto, compreendido como ser bio-psíquico e histórico-social (VYGOTSKY, 1996).

### A EDUCAÇÃO PELO DÍNAMO

Foi pensando nessa problemática, relativa à concepção estática ou dinâmica sobre a existência das coisas e dos seres (ontologia), que comecei a pensar no sentido da produção e apropriação de informações, conhecimentos e saberes (epistemologia), articulando-as ao âmbito da educação formal (pedagogia). Nesse processo, ao observar o que nos ensina a tradição do pensamento dialético, prestei atenção na dinamicidade da vida, nos ciclos vitais porque passamos, nas transformações implicadas na vida concreta, no ir, no vir e em tantos outros processos de mudança que vivemos. Tudo isso me sugeriu que, para nos educarmos de modo a fazermos frente à dinamicidade intensa da vida, aquilo de que precisamos é de uma “educação pelo dínamo” (CORREIA, 2007), idéia que revejo e amplio neste artigo.

Ora, dínamo vem do latim *dynamis*. Significa força. Nomeia, de maneira abreviada, a máquina que transforma a energia mecânica em energia elétrica. Era um componente comum em tempos atrás, naquelas fazendas onde não existia energia elétrica. A água descendo forte sobre um tipo de roda que girava sob a força da água, a qual se transformava em energia elétrica para acender a lâmpada lá no interior da casa das pessoas. Em alguns lugares, última jóia da tecnologia. Hoje o dínamo está em segundo plano praticamente em todos os lugares. A lição que podemos tirar dele, persiste.

O título “A Educação Pelo Dínamo” nasceu no momento em que me veio à memória o poema de João Cabral de Melo Neto, dado à luz em 1966 e chamado de “A Educação Pela Pedra”, expressão poética de relevo único. Para que possamos recordá-lo, o citado poema é transcrito a seguir:

**A Educação Pela Pedra**

João Cabral de Melo Neto

Uma educação pela pedra: por lições;  
Para aprender da pedra, freqüentá-la;  
Captar sua voz inenfática, impessoal  
(pela de dicção ela começa as aulas).  
A lição de moral, sua resistência fria  
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;  
A de poética, sua carnadura concreta;  
A de economia, seu adensar-se compacta:  
Lições da pedra (de fora para dentro,  
Cartilha muda), para quem soletrá-la.  
Outra educação pela pedra: no Sertão  
(de dentro para fora, e pré-didática).  
No Sertão a pedra não sabe lecionar,  
E se lecionasse, não ensinaria nada;  
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,  
Uma pedra de nascença, entranha a alma.”  
(MELO NETO, 1995)

É essa pedra que “entranha a alma”, aparentemente compreendida no contexto do autor por expressar a realidade dura de seu povo, sobretudo quando associamos contexto-texto-intenção autoral, que a mim me sugere a existência de algo petrificado no humano, uma marca, algo imexível, pronto, acabado, definido e definitivo. Mas, além disso, também me sugere que tudo isso só pode ser estático enquanto ele quiser, pois, se aprender a lição da vida, verá que tudo se transforma e que nada fica como é, tudo, tudo nunca fica como está.

Confesso que a percepção relativa ao eterno no efêmero, talvez idiossincrática, é um dar-se conta de uma representação que me deixa apavorado. Sim, eu me assusto. O que será possível ser feito com uma alma de pedra? Ou com uma pedra na alma? Ou, ainda, com uma alma petrificada? Ah... essas marcas indeléveis que dão trabalho para a educação, que chega a pensar que nada pode em face delas! Essa noção é terrível por fechar caminhos, fechar o horizonte e truncar a vida.

Não é possível alimentar por muito tempo uma visão assim. Por isso, saindo dessa indagação ontológica, um tanto mais profunda, e atendo-me ao mais mezinho da existência, à vida concreta de que se ocupam os processos educativos, penso que a educação mesma nunca será a educação da pedra assim desenhada como algo imutável, estático, fixo. Se outra metáfora nos for possível, então que seja a “educação do dínamo”, como, parodiando Melo Neto, coloco a seguir no poema que me veio ao desenvolver essas reflexões.

**“A Educação Pelo Dínamo**

Uma educação pelo dínamo: por vivências.  
Aprender do dínamo é mergulhar no vir-a-ser.  
Experienciar o movimento da vida  
Por um tapa no bumbum começa a lição.  
A aula de ontologia, esse nunca saber quem é.  
Ser sua carne e seu sangue, seu cimento e sua areia.  
Poesia é a vida recusando-se pigméia.  
Aula de economia pedindo justiça e liberdade.  
Ensinos do dínamo, de fora pra dentro  
E de dentro pra fora,  
Tudo ao mesmo tempo agora.  
Vale para quem se apaixonou pelo viver.  
Em se tratando de humano, essa é a única educação.  
Não há outra possível.  
No mundo o dínamo sabe lecionar.  
Como leciona, nos ensina tudo,  
Sobretudo que o dínamo é a própria alma,  
Em ininterrupta transformação e  
Rumo àquilo que podemos ser.”  
(CORREIA, inédito)

Se o homem e a mulher são aquilo que a educação faz deles, como disse Kant (1999), e se o homem é o único animal que pode fazer de si o que bem entender, então aquilo em que me tornarei, mesmo no percurso educativo, será sempre resultado de uma escolha pessoal, do movimento em que sou e me encontro e que constitui a minha existência. Poucas coisas na vida humana, tais como o nascimento e a morte, estão presas à dimensão imponderável do destino ou a pré-determinações anímicas. A maioria delas dependerá sempre de uma decisão, de uma escolha por parte daquele que tem uma vida e uma existência nas próprias mãos e a ela deve imprimir a mais intensa dinamicidade que lhe for possível. E, aí, vale o dito de Sartre: “Não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você” (SARTRE, 1970).

Pensando nessa frase, temo, e muito, a atitude de certas pessoas que dizem: “Eu sou assim”. Esse “Eu sou assim” me soa uma pedra falante. Uma pedra ineducável. Uma pessoa

prenhe e embrenhada de uma rigidez petricizada, algo estático, congelado no tempo. O que pode a educação diante de um ser humano assim identificado? A favor desse tipo de pessoa a educação, sempre escolha dela mesma, pouco pode fazer. Ela fez uma opção “por si” e “de si” que não contempla o movimento, a mudança, a transformação, o vir-a-ser, o advir, o movimento e o novo que sempre se faz acompanhar no e pelo fluxo das intensas ocorrências inovadoras que nos colhe e embala a vida. No fundo, quero duvidar da existência de uma pessoa assim no mundo, entre nós e em nossa companhia.

Acredito, como Edson Marques e Clarice Lispector, que “Só o que está morto não muda!” e que “a salvação é pelo risco, sem o qual a vida não vale a pena...” (MARQUES; LISPECTOR, [s.d]). Essa dinamicidade da existência é o que está impresso pelas palavras de um outro escritor, John Powell:

Minha pessoa não é como um núcleo rígido dentro de mim ou uma pequena estátua permanente e fixa; pelo contrário, ser pessoa implica um processo dinâmico. Em outras palavras, se você me conheceu ontem, por favor, não pense que eu sou a mesma pessoa que você encontra hoje. Experimentei mais da vida, encontrei novos sentimentos naqueles a quem amo, aprendi mais ... e estou diferente por dentro. Por favor, não me atribua ‘valor médio’, fixo e irrevogável, porque estou sempre alerta, aproveitando as oportunidades do dia-a-dia. Aproxime-se de mim, então, com um senso de descoberta, pois é certo que mudei. (POWELL, 1995, p. 37).

Mudar é processo dinâmico, dinamicidade, movimento, transformação. É ser sendo. Nisso, mais vale a intensidade do que a extensão. Mais vale a coragem que a comodidade. Mais vale o sabor do novo do que o consolidado daquilo que já se fez. Mais vale a incompletude e a certeza de que somos projetados ao infinito do que nossas manias e modos repetitivos de existir.

Talvez seja isso o que a educação pelo dínamo tem a nos ensinar. Resta saber se estamos dispostos a compreender. Se compreendermos, ainda resta saber se estamos prontos para ensinar segundo esse entendimento e aprender conforme os valores que o dínamo nos impõe.

## **CONCLUSÃO**

Neste trabalho, foram referenciados alguns e breves aspectos do pensamento dialético, o qual advoga a compreensibilidade da dimensão mutante da vida, da existência, da sociedade e, enfim, de tudo o que existe. Em face do pensamento que expressa o vir-a-ser, foi aventada a possibilidade de a educação inserir-se como parte dos processos de formação e desenvolvimento humanos que transcorrem pela via da mudança, da transformação e do advir.



Claro que uma concepção assim compreendida não implica a idéia de uma pedagogia experimental, posto que a vida não é experimental. A vida é, sim, uma peça ininterrupta no teatro do mundo, mas com cenas que se sucedem e que não permitem encenação, nem repetição. O caráter de irrepetibilidade da existência, ainda que certas estruturas materiais permaneçam onde estão, mostra que viver é mudar e transformar-se. Oxalá isso fosse compreendido por todos, mas principalmente pelos praticantes da pedagogia tradicional.

## REFERÊNCIAS

- CORREIA, W. A educação pelo dínamo. **Phyloterapia**. Disponível em: <http://philoterapia.com.br/Downloads/educacaopelodinamo.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2007.
- DURANT, W. **História da filosofia**: a vida e as idéias dos grandes filósofos. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Trad. Paulo Meneses. 7. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: USF, 2002.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1999.
- KONDER, L. **O que é dialética**. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Col. primeiros passos, 23).
- MARQUES, E.; LISPECTOR, C. **Mude**. Disponível em: <http://www.geocities.com/Paris/Concorde/9366/mude.htm>. Acesso em: 10 out. 2006. [s.d.]
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã** (Feuerbach). 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os pensadores).
- MELO NETO, J. C. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.
- OS PRÉ-SOCRÁTICOS. **Coleção os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- PADOVANI, U. & CASTAGNOLA, L. **História da filosofia**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974.
- PLATÃO. **A república**. Trad. Benedito Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2000.
- POWELL, J. **Por que tenho medo de lhe dizer quem sou?** Belo Horizonte: Crescer, 1995.
- SARTE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. V. Ferreira. 3. ed. Lisboa: Presença, 1970.

VERGEZ, A.; HUISMAN, D. **História da filosofia ilustrada pelos textos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1980.

VYGOTSKY, L. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

---

**WILSON CORREIA**

Doutorando em Educação no PPGE/FAE/UNICAMP e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação PAIDÉIA, na área de História, Filosofia e Educação.

Linha de Pesquisa em Ética, Política e Educação, onde desenvolve o projeto de pesquisa Ensino de filosofia: o problema do endereçamento curricular de ética nos PCN.

E-mail: [wilfc2002@yahoo.com.br](mailto:wilfc2002@yahoo.com.br).

---

Recebido em: 11/11/2007

Publicado em: 20/06/2008